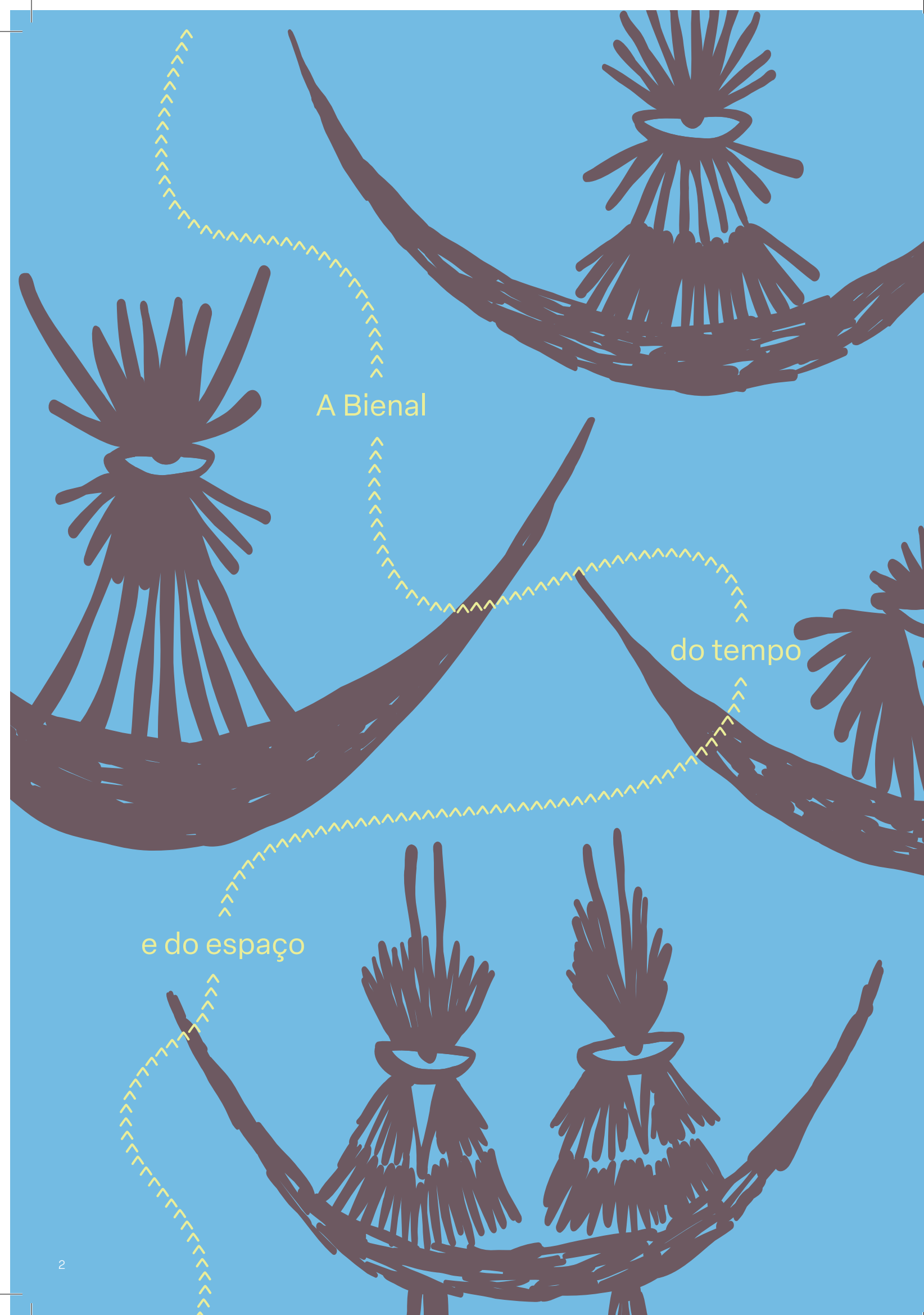


Ministério da Cultura, Nubank,
Shell e Vale apresentam

2ª Bienal das Amazônias





A Bienal

do tempo

e do espaço

Memória e afetos, tempo e espaço, vivências sensoriais e sonhos, as imensidões da floresta, são as linhas que costuram a 2ª Bienal das Amazôniaas, que será realizada de 29 de agosto a 30 de novembro de 2025, em Belém, no Pará. Com o tema **“Verde-distância”**, inspirado no livro **“Verde Vagomundo”**, do escritor paraense Benedicto Monteiro, e curadoria da equatoriana Manuela Moscoso, a 2ª Bienal das Amazôniaas reafirma a valorização da diversidade cultural amazônica e fortalece a proposta de descentralização das práticas artísticas.

Depois de “Bubuia: águas como fonte de imaginação e desejo”, tema da 1ª Bienal das Amazôniaas, realizada entre agosto e novembro de 2023, a 2ª Bienal restabelece o encontro pan-amazônico por meio de expressões legítimas das identidades no coração da diversidade. Propõe uma escuta interdependente entre geografias, corpos e histórias pan-amazônicas e caribenhas.

Curada por Manuela Moscoso (Equador), com Sara Garzón como curadora adjunta, Jean da Silva como cocurador do programa público e Mônica Amieva na curadoria pedagógica, a mostra reúne artistas, cineastas e músicos que atuam a partir de práticas transdisciplinares e visões cosmopolíticas. A identidade visual da 2ª Edição da Bienal das Amazôniaas foi criada pela designer Priscila Clementti e pelo artista Bonikta, que traduziram em imagem a multiplicidade de tons de verde – do verde-barro ao verde-vazio – evocando distâncias e afetos, geografias e sonhos.

Formada por oito países localizados na América do Sul que têm a floresta amazônica em seus territórios (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela, Suriname e Guiana), mais a Guiana Francesa, a Pan-Amazônia tem unidade geográfica e características comuns de um bioma que constitui a floresta, com toda a grandeza de sua fauna, flora e rios. Mais que fronteiras, os povos amazônidas compartilham modos de vida diretamente relacionados com a exuberância da natureza, rica em recursos e mistérios, em territórios regidos por múltiplas vivências e contextos históricos próprios. Cada olhar, em cada canto, representa universos de tradição, ancestralidade, memórias, sonhos e afetos.

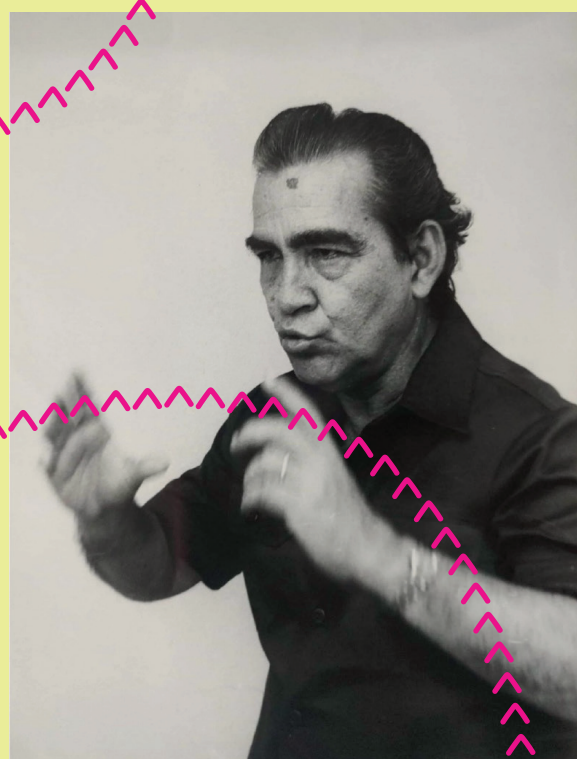
Para Livia Condurú, presidente do Instituto Bienal das Amazôniaas, a segunda edição da Bienal consolida a redefinição do cenário da arte nacional e internacional.

Embora o fazer artístico não tenha território, sabemos que os grandes centros polarizam a história dos movimentos institucionais. É uma alegria ver que essa iniciativa inovadora, emprenhada no coração da Amazônia, pensada por mulheres, ganha cada vez mais fôlego”

Livia Condurú

Presidente do Instituto
Bienal das Amazôniaas

O vagomundo de Benedicto Monteiro



Dizem que os rios correm em duas direções. Assim como as águas viajam e se transformam, o som, a memória e o sonho traçam conexões invisíveis entre paisagens, corpos e tempos. Da tradição oral aos sotaques que marcam o ritmo do tambor, cada vibração ressoa na geografia e na história, ligando os Andes à Amazônia, os oceanos à floresta e o presente ao ancestral. O mundo encurta e se expande, vaga.

A 2ª Bienal das Amazônias escreve a história do mundo da floresta inspirada na imaginação, no vagomundo do escritor paraense Benedicto Monteiro. Nascido em Alenquer, região do Baixo Amazonas, em 1º de março de 1924, Benedicto (ou simplesmente Bené Monteiro) passou a infância na cidade que fica à beira de um igarapé efluente do rio Amazonas, a meio caminho entre Belém e Manaus, cerca de 800 quilômetros distante das duas capitais. “Alenquer fica, portanto, no coração da Amazônia, na margem esquerda do Rio-Mar. Só se pode chegar lá por navio ou avião. Passei nela, e nas várzeas do município, toda a minha infância. O ambiente é o mesmo que tanto descrevo em meus romances, dos quais ela é sempre uma grande personagem”, relatou em seu autorretrato.

De Alenquer Benedicto Monteiro saiu para estudar e voltou formado em Direito. Foi advogado, vereador, político e deputado. Defendeu a floresta e o povo espoliado. Amigo pessoal do presidente João Goulart, defensor da reforma agrária e um conhecedor das realidades de países com governos de orientação marxista, inclusive tendo viajado a China e Cuba, pagou caro pelas lutas e por ecoar a voz dos oprimidos. Teve seus direitos políticos cassados pelo regime militar de 1964.

Perseguido, Benedicto Monteiro buscou refúgio em Alenquer. Nas verdes matas foi preso. Algemado e em farrapos, virou

troféu na mão dos algozes, exposto como bandido em fotografias na imprensa. Arrancado de sua terra, teve que se exilar do convívio com a família, dos amigos, de sua comunidade. Banido da vida pública, Benedicto Monteiro mergulhou no universo das palavras.

Em 1972, em seu primeiro romance, “Verde Vagomundo”, o escritor reconstitui a história do povo da floresta – do verde e do isolamento, do tempo e da distância, das paixões e dos conflitos, dos sonhos e da desesperança – pelos personagens Major Antônio, um condecorado militar sobrevivente da guerra que volta à sua terra natal, e Miguel dos Santos Prazeres, o Cabra-da-Peste, o afilhado do diabo, caboclo amazônico que só pisou num mesmo chão. No caráter de cada um, nas vivências interna e externas, as margens se afastam e se aproximam, em contínuo movimento, afetadas e confrontadas pelo ambiente territorial.

Distante e perdida, a Alenquer de Benedicto Monteiro existe em função da água e da fé. A história se organiza conforme as enchentes, as safras e a devoção ao santo padroeiro. A vida gira em torno do vaivém e do verde.

“Verde! Milhares de tons verdes: verde-cinza, verde-mar, verde-mata, verde-chão, verde-terra, verde-barro, verde-curva, verde-reta, verde-plano, verde-margem, verde-campo, verde-capim, verde-azul, verde-luz, verde-horizonte, verde-verde, verde-distância. Principalmente verde-distância”

escreveu Benedicto.

No conceito da 2ª Bienal das Amazônias, fundado na escuta, o sonho e a imaginação do vagomundo reverberam vozes e ritmos e revelam que o existir amazônico – natural, artificial, vivo ou inanimado – faz parte de um sistema dinâmico e interdependente. Como um fluxo de águas que atravessa territórios. Esse exercício de leitura da produção pan-amazônica transforma memória e sonho em formas de conhecimento, em que a biodiversidade define modulações de mundos. Essas vibrações traçam conexões entre o visível e o intangível, o material e o sensorial.

Por meio de práticas transdisciplinares, artistas, cineastas e músicos geram visualidades e ritmos que emergem da costa e das cidades e se entrelaçam com rios e florestas. A geografias desenham formas de habitar e o corpo se torna um território de escuta e ressonância, um espaço para experimentações, (re) construções e navegação.

A 2ª Bienal das Amazônias é um chamado. Cada sotaque, cada pausa, cada sonho e cada frequência revelam um mundo em constante transformação, os corpos como parte de um ecossistema vivo. Nesse contexto, permite imaginar e habitar mundos que, assim como os sonhos, são também imensos e infinitos: verdes-distâncias...

Territórios de sonhos

À frente da curadoria da 2ª Bienal das Amazônia, a equatoriana Manuela Moscoso percorreu diferentes regiões pan-amazônicas em busca de obras e narrativas para a exposição. “Viajar pelos territórios pan-amazônicos significa mergulhar em contextos profundamente distintos e, ao mesmo tempo, conectados por fluxos de água, memórias e saberes”, diz a curadora.

Segundo Manuela, o contato direto com os artistas e seus contextos de produção é essencial, pois a criação não acontece “no vácuo”, mas responde às condições materiais, sociais, políticas e ecológicas do lugar. “Cada experiência foi intensa. Pude conhecer processos experimentais sobre formas de habitar o mundo, a manutenção da memória e práticas transdisciplinares no cinema, além de investigações que abordam a exploração territorial e as cosmologias indígenas. Mais do que simplesmente ver as obras, o fundamental foi ativar conversas, escutar os artistas e compreender como suas pesquisas dialogam com as urgências do nosso tempo”, detalha.

Manuela Moscoso diz que o “sonho” é o ponto de partida da 2ª Bienal das Amazônia, enquanto uma tecnologia que abre espaços para a escuta, imaginação e governança sobre o sistema dinâmico e interdependente de que todos fazemos parte. “Este exercício de leitura da produção pan-amazônica nos convida a experimentar a memória e o sonho como formas de conhecimento”, explica.

Para Manuela, a experiência em Belém está sendo transformadora, porque a cidade a faz refletir sobre a sua própria trajetória.

Estar aqui me ensina um pensamento florestal, sobre os tempos das coisas, sobre como sentir nossos corpos dentro de processos históricos compartilhados. Também me faz pensar sobre solidariedades e diferenças, sobre as formas como habitamos o mundo. Essa experiência está me contaminando de maneiras que vão além do profissional, afetando minha forma de ver, de pensar e de sentir”

Manuela Moscoso

Curadora da 2ª Bienal das Amazônia

Para além da COP 30

A 2ª Bienal das Amazônia abre uma nova perspectiva para as narrativas tradicionais sobre a Amazônia, especialmente neste ano em que o Brasil sedia a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP 30, marcada para os dias 10 a 21 de novembro, na capital paraense, ou seja, no mesmo período em que a Bienal já estará aberta. “A arte tem um papel essencial de criar novas sensibilidades, transformar a nossa forma de perceber e agir no mundo. Espero que a Bienal possa contribuir com uma visão que vá além do pragmatismo político da COP e traga à tona outros modos de imaginar futuros possíveis”, destaca a curadora Manuela Moscoso.

Na 2ª Bienal das Amazônia, arte contemporânea não é só linguagem: é ecossistema, observa a curadora Manuela Moscoso. As obras propõem relações de reciprocidade entre territórios e saberes, entendendo que tudo — natural, artificial, humano ou não humano — faz parte de uma rede viva e interligada.

Segundo Manuela Moscoso, essa é também uma forma de tensionar os modos de vida baseados no extrativismo e valorizar aqueles que respeitam os ritmos da terra. “A Amazônia não é um espaço vazio ou inerte, mas um lugar de tecnologias sofisticadas de vida e conhecimento”, afirma.

A presidente do Instituto Bienal das Amazônia, Lívia Condurú, defende que o mundo passe a enxergar as Amazônia para além da biodiversidade e das emergências climáticas. “É urgente que se enxergue as Amazônia para além do seu bioma. Não há floresta que se mantenha em pé quando toda a sociedade que existe nela não é ouvida, não é convidada a participar de maneira ativa do debate, e do debate também pelas artes”, assinala Lívia.

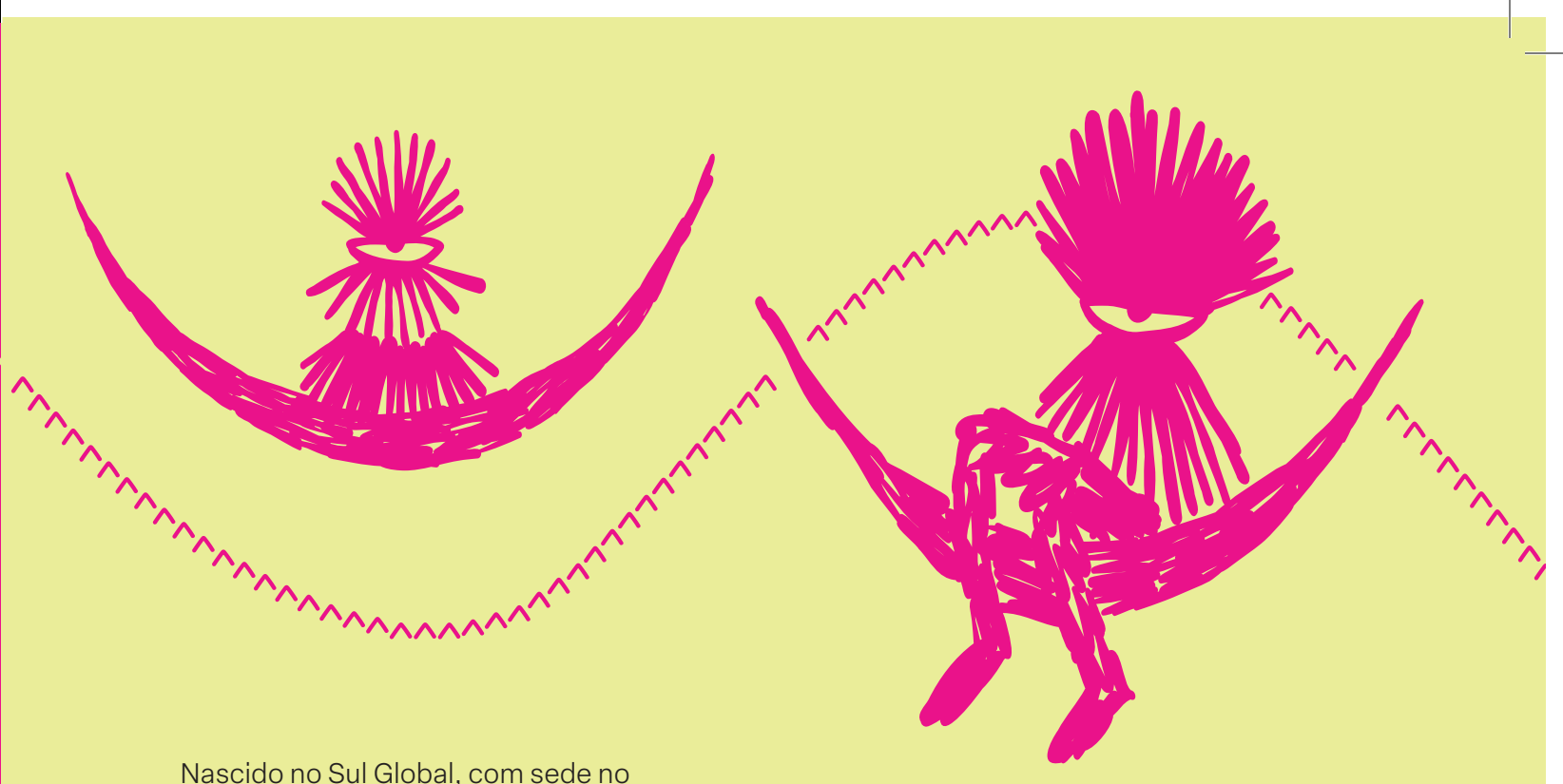


Um mosaico dos povos amazônidas

Nascido no Sul Global, com sede no Centro Cultural Bial das Amazônia (CCBA), em Belém, o Instituto Bial das Amazônia é uma instituição de arte que tem como premissa o deslocamento do debate sobre as artes e seus potenciais de transformação econômica e social dos eixos dominantes do mercado, devolvendo o protagonismo à Amazônia desde as Amazônia. A Bial das Amazônia é movida pelo desejo de ver o próprio território amazônico retomar o controle sobre sua narrativa e seu futuro, refletindo e amplificando as vozes de instituições, organizações, grupos e indivíduos da região.

O Instituto Bial das Amazônia transcende fronteiras. No território Amazônia, conecta países irmãos e amplifica as muitas vozes da diversidade regional que também é internacional.

Na floresta que ecoa múltiplos sons, idiomas e histórias, catraias, montarias e grandes embarcações, vibrantes de cores e traços, flutuam nos rios que cortam paisagens intocadas, vilarejos, cidades e megalópoles. Atenta e observadora, a Bial das Amazônia monta um mosaico de povos distintos em suas práticas culturais, mas unidos por desafios comuns e uma origem compartilhada.



No cenário de rica diversidade, o Instituto Bial das Amazônia consolida sua relevância geopolítica e artística e se ergue como uma plataforma para o debate sobre a região, vista a partir do próprio olhar das Amazônia, através da arte contemporânea. São as Amazônia falando por si, para os seus e para o mundo.

Tendo como premissa a descentralização, pelas curvas que se desviam do mercado colonizador, o Instituto Bial das Amazônia devolve o protagonismo à Amazônia desde as Amazônia. Para tanto, desenvolve programas que possibilitem a amplificação dos temas relevantes para as comunidades que constituem o território, sempre norteados pela equidade de gênero, justiça social, democratização de acesso aos bens culturais, comprometidos com o desenvolvimento economicamente sustentável da região.

Além de seus eventos bienais, a Bial realiza ações socioculturais por meio das atividades desenvolvidas em seu Centro Cultural (CCBA) e do apoio a outros projetos e artistas. Essas iniciativas visam fortalecer a identidade plural da Amazônia e incentivar seus habitantes a se expressarem de forma autêntica, promovendo um diálogo contínuo entre diversos atores sociais e artísticos.

CCBA: portas abertas para as artes



Localizado no centro histórico de Belém, capital do Pará, o Centro Cultural Bial das Amazônia (CCBA) é um importante espaço para a comunidade que oferece programações artísticas, culturais e educacionais gratuitas. O prédio, que pertencia a uma antiga loja de departamentos da cidade e fica na esquina das ruas Manoel Barata e Campos Sales, está de portas abertas para exposições de arte, oficinas, workshops, palestras, imersões, shows, espetáculos teatrais, entre outras programações que expressam a diversidade e o simbolismo da Amazônia nacional e da Amazônia internacional.

Com mais de oito mil metros quadrados, o CCBA abriga um café, uma loja, salas multiuso e uma biblioteca para consulta pública. O espaço é todo adaptado para garantir a acessibilidade, com elevadores, rampas, escadas rolantes, sinalizações, banheiros adaptados e um sistema de sonorização de emergência.

O prédio abrigou a 1ª Bial das Amazônia, de agosto a novembro de 2023, com trabalhos de 123 artistas de todos os Estados amazônicos. Foram artistas e coletivos de oito países da Pan-Amazônia, além da Guiana Francesa. Agora, o espaço se prepara para receber a 2ª Bial das Amazônia, em agosto de 2025.

O CCBA tem ainda um programa de residência artística, cujo objetivo é fomentar a criação cultural, pedagógica, artística e curatorial, promovendo troca de experiências e o desenvolvimento de projetos inovadores na Amazônia.

Aqui nesse prédio nós realizamos a primeira edição da Bial das Amazônia com trabalhos de 123 artistas de todos os Estados amazônicos com o intuito de fortalecer o território a partir das artes. O CCBA e a Bial das Amazônia acreditam que a salvação da Amazônia será feita pelas pessoas que aqui vivem, que de fato vivenciam a Amazônia”

diz **Livia Condurú**

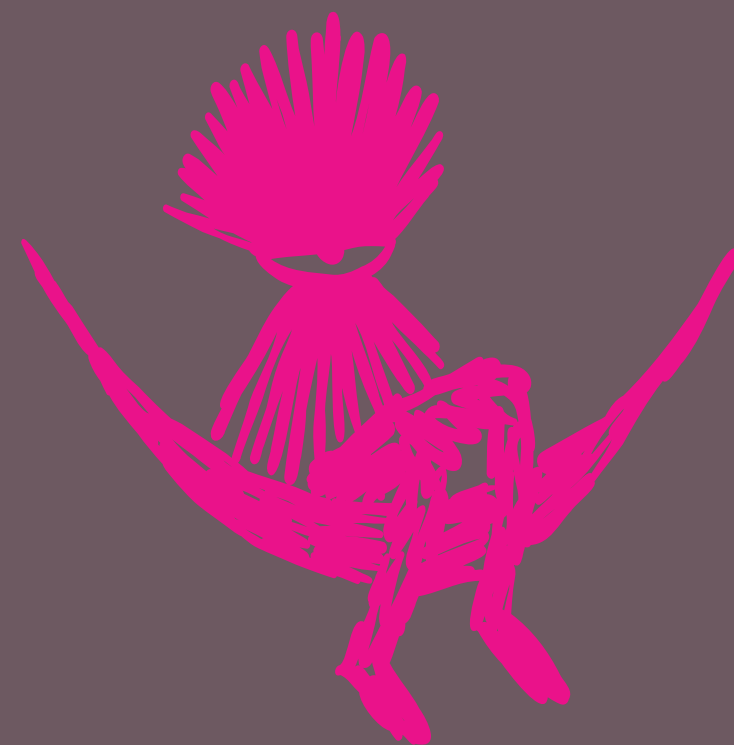
Presidente do Instituto
Bial das Amazônia

Equipe
curatorial

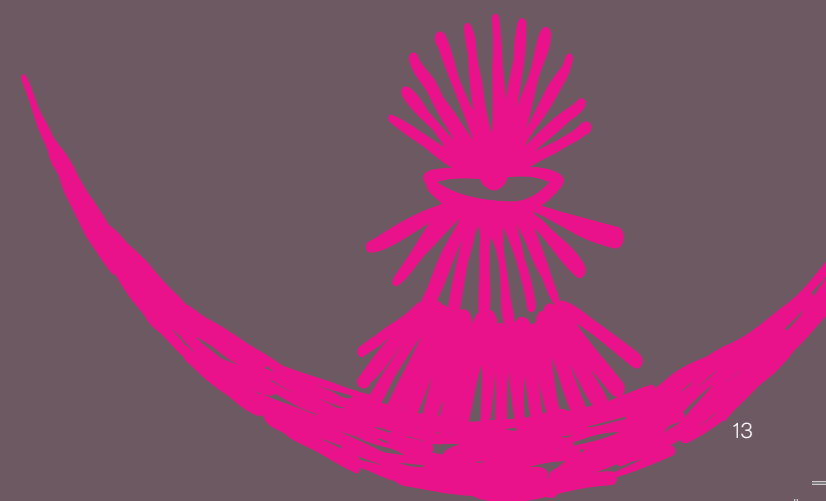


Manuela Moscoso

Curadora-chefe



Manuela Moscoso é atualmente diretora-executiva da CARA, Center for Art Research and Alliances. Curadora, pesquisadora e produtora crítica equatoriana, trabalha entre a América e a Europa desenvolvendo exposições, programas públicos e publicações que desafiam narrativas ocidentais sobre o corpo, o conhecimento e a história. Sua prática é guiada por formas colaborativas de produção, pela escuta e pela ativação de temporalidades que atravessam distintos territórios. Com formação em Londres e Nova York, Manuela se dedica a expandir os modos de pesquisar, pensar e compartilhar as práticas artísticas presentes no presente.



Equipe curatorial



Sara Garzón

Curadora Adjunta

Sara Garzón é uma curadora e historiadora da arte colombiana especializada em arte contemporânea latino-americana, com ênfase em decolonialidade, temporalidade e ecocrítica. Doutora pela Universidade Cornell e mestre pelo Institute of Fine Arts da NYU, recebeu bolsas como a Andrew Harris Postdoctoral Fellowship na Universidade de Vermont e a Jane and Morgan Whitney Curatorial Fellowship no Metropolitan Museum of Art. Sara contribuiu para diversos catálogos de exposições, antologias e revistas acadêmicas. Atualmente, é curadora do projeto “South to South: A Meeting on African and Afro-diasporic Technologies”, organizado pelo Pivô no Brasil e pelo Centre d’art Waza no Congo, com apoio do Humboldt Forum em Berlim.

Equipe
curatorial



Jean da Silva

Co-curador do
Programa Público

Jean da Silva é de Belém do Pará, do bairro do Jurunas. É co-fundador do Gueto Hub e da COP das Baixadas e é ativista pelo acesso à cultura, memória e ao debate climático para as periferias. Atualmente trabalha como diretor-executivo do Gueto Hub, na curadoria do Circuito Arte Não é Privilégio do Museu Céu e na co-curadoria do Programa Público da 2ª Bienal das Amazônia.

Equipe
curatorial

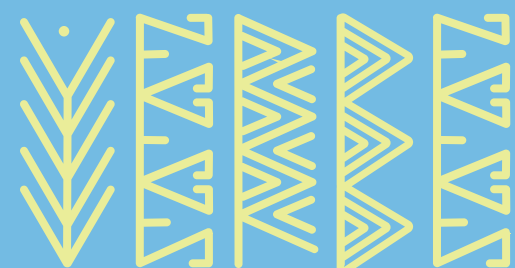
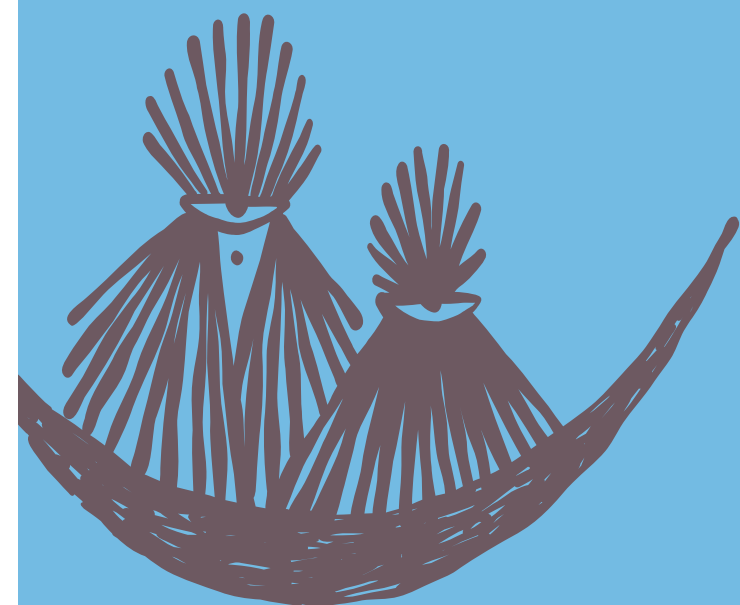


Mônica Amieva

Curadora do
Programa Pedagógico

Mônica Amieva é pesquisadora do Instituto de Investigações Estéticas da UNAM e curadora pedagógica mexicana, doutora em Filosofia Contemporânea e mestre em Teoria da Arte Contemporânea pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Desde 2005 seus projetos exploram dimensões epistemológicas, pedagógicas e educativas das práticas artísticas contemporâneas na América Latina. Foi subdiretora de programas públicos do Museu Universitário Arte Contemporâneo (MUAC) e curadora pedagógica na 4ª edição do Programa BBVA Bancomer-MACG Arte Actual. Seus projetos foram apoiados por instituições como CONACYT, FONCA, Fundação Jumex, Secretaria de Educação Pública e Fundação Getty. É membro fundadora da Plataforma Arte Educação (PAE) e colabora regularmente com publicações de arte e filosofia.

Veja a lista dos artistas e coletivos da 2ª Bienal das Amazônias



Aileen Gavonel + Máxima Acuña **PERU**
 Aimema Úai **COLÔMBIA**
 Alessandro Fracta **BRASIL**
 Akha **BRASIL**
 Amazonizando **BRASIL**
 Ana María Millán **COLÔMBIA**
 Ana Ruas **BRASIL**
 Andrés Pereira Paz **BOLÍVIA**
 Angélica Alomoto **EQUADOR**
 Antonio Paucar **PERU**
 Astrid González **COLÔMBIA**
 Augusto N. Martínez **EQUADOR**
 Bárbara Savannah **BRASIL**
 Brus Rubio **PERU**
 Buga Peralta **BRASIL**
 Carla Duncan **BRASIL**
 Carchiris **BRASIL**
 Chico Ribeiro **BRASIL**
 Danilo de S'Acre **BRASIL**
 Dayro Carrasquilla **COLÔMBIA**
 Delfina Nina **PERU**
 Estado Fósil **EQUADOR**
 Feliciano Lana **BRASIL**
 Gianfranco Annichini **PERU**
 Gustavo Toaquiza Ugsha **EQUADOR**
 Gwladys Gambie **MARTINICA**
 Isabella Celis Campos **COLÔMBIA**
 Jaider Esbell **BRASIL**
 Jean-François Boclé **MARTINICA**



Jim C. Nedd **COLÔMBIA**
 John Lie A Fo **SURINAME**
 José Luis Macas **EQUADOR**
 Joseca Mokahesi Yanomami **BRASIL**
 Julia Chambi López **PERU**
 Julieth Morales **COLÔMBIA**
 Keisha Scarville **ESTADOS UNIDOS**
 Kenia Almaraz Murillo **BOLÍVIA**
 Kuenan Mayu **BRASIL**
 L. Emperatriz Plácido San Martín **PERU**
 La Vulcanizadora **COLÔMBIA**
 Linda Pongutá **COLÔMBIA**
 Lucía Pizzani **VENEZUELA**
 Mapa Teatro + Nukak **COLÔMBIA**
 Marajó Estampado **BRASIL**
 Marcelle Nascimento **BRASIL**
 Marie-Claire Messouma Manlanbien **FRANÇA**
 Mali Salazar **PERU**
 Mauricio Igor **BRASIL**
 Mayro Romero **EQUADOR**
 Nathalie Leroy Fiévée **GUIANA FRANCESA**
 Nathyfa Michel **GUIANA FRANCESA**
 Olinda Silvano **PERU**
 Osvaldo Gaia **BRASIL**
 Paty Wolff **BRASIL**
 Pedro Neves **BRASIL**
 Peter Minshall **TRINIDAD E TOBAGO**
 Regina Valter **BRASIL**
 Remy Jungerman **SURINAME**
 Rinaldo Klas **SURINAME**
 River Claire **BOLÍVIA**
 Roberto Evangelista **BRASIL**
 Roma Rio **BRASIL**
 Ronny Quevedo **EQUADOR**
 Rubén Elías Barrios-Rodríguez **COLÔMBIA**

Sara Flores **PERU**
 Silvana Mendes **BRASIL**
 Simon Speiser **EQUADOR / ALEMANHA**
 Simon Uribe **COLÔMBIA**
 Tawna **EQUADOR**
 Wilson Díaz **COLÔMBIA**
 Wira Tini **COLÔMBIA**
 Zahy Tentehar **BRASIL**
 Zimar **BRASIL**



2ª Bienal das
 Amazônias

Roberto Evangelista – um dos grandes nomes da arte contemporânea amazônica – é o artista homenageado da 2ª Bienal das Amazônias

Nascido no Acre e radicado por décadas em Manaus, atuou como artista visual, poeta, educador e ativista cultural. Faleceu em 2019, deixando uma vasta obra e um legado inesgotável de criatividade, ética e respeito às forças da natureza. A partir dos anos 1970, tornou-se uma figura-chave na construção de uma sensibilidade artística enraizada na Amazônia, sendo um dos primeiros a desenvolver videoarte, ações efêmeras, instalações e obras site-specific na região.

As curadoras da 2ª Bienal das Amazôniaas, Manuela Moscoso e Sara Garzón, descrevem sua trajetória como “um compromisso profundo com o que ele próprio chamava de florestania, uma cidadania baseada na vivência ética e sensível com a floresta. Sua obra emerge do encontro entre espiritualidade, saberes ribeirinhos e indígenas, e experimentações contemporâneas.”

Evangelista foi membro da União do Vegetal (UDV) e incorporou em sua prática artística e poética visões, símbolos e ensinamentos derivados da experiência com a ayahuasca. “Para ele, a arte era um caminho de escuta, cura e transformação”, relatam as curadoras no texto descritivo da obra.

Trabalhava com elementos orgânicos como sementes, cipós, cuias e fibras, muitas vezes coletados em diálogo direto com a floresta. “Seu espírito colaborador era parte essencial de sua prática: ele não apenas se inspirou nesses encontros, mas buscava construir junto, valorizando os saberes locais e respeitando os tempos e formas de cada território.”

“Diferente de seus predecessores – e até mesmo de muitos de seus contemporâneos – Roberto Evangelista não representava a floresta, mas utilizava a arte contemporânea como ferramenta para materializar, em coletividade, uma relação com o território como lugar de produção

de pensamento crítico e poético. Sua obra era produzida desde a Amazônia – e não sobre a Amazônia”, afirma Sara Garzón, curadora adjunta da Bienal.

Paralelamente, sua produção literária – composta por poemas, crônicas e textos filosófico-visuais – funciona como prolongamento de seu pensamento artístico. O texto Sementes Germinadas (2019), escrito com o poeta Márcio Catunda, é destacado pelas curadoras como “exemplo de como sua escrita se tornava testemunho poético da vida amazônica, unindo mito, espiritualidade e resistência cultural”.

“Evangelista nos convida a imaginar a arte como um sistema de vida, onde forma e pensamento crescem juntos, enraizados na terra e projetados para o futuro”, afirma Manuela Moscoso. “Sua vida e obra permanecem como farol para aqueles que veem na Amazônia não apenas um bioma, mas um território espiritual, político e poético.”

Na 2ª Bienal das Amazôniaas, três obras fundamentais de Roberto Evangelista – Ritos de Passagem (1996/2025), Resgate (1992/2025) e Niká Uíicana (1989/2025) – serão apresentadas ao público após um cuidadoso trabalho de pesquisa, resgate e reconstrução realizado pelas curadoras da Bienal em colaboração com sua família, amigos e colaboradores históricos. Uma delas, Ritos de Passagem, é uma instalação monumental feita com mil caixas de sapatos e pedras cariri, que reflete sobre deslocamento, consumo e memória.



2ª Bienal das Amazônias



NUBANK

O Nu é a maior plataforma de banco digital do mundo fora da Ásia, atendendo a mais de 100 milhões de clientes no Brasil, México e Colômbia. A empresa tem liderado uma transformação na indústria, usando dados e tecnologia proprietária para desenvolver produtos e serviços inovadores. Guiado por sua missão de combater a complexidade e empoderar as pessoas, o Nu atende à jornada financeira completa dos clientes, promovendo acesso e avanço financeiro com crédito responsável e transparência. A empresa se apoia em um modelo de negócios eficiente e escalável que combina baixo custo de atendimento com retornos crescentes. O impacto do Nu tem sido reconhecido em diversos prêmios, incluindo as 100 Empresas mais Influentes da Time, as Empresas Mais Inovadoras da Fast Company e os Melhores Bancos do Mundo da Forbes.



SHEL BRASIL

Há 112 anos no país, a Shell Brasil é uma companhia de energia integrada, com participação nos setores de Petróleo e Gás, Soluções Baseadas na Natureza, Pesquisa & Desenvolvimento e Trading, por meio da comercializadora Shell Energy Brasil. A companhia está presente ainda no segmento de Biocombustíveis por meio da joint-venture Raízen, que no Brasil também gerencia a distribuição de combustíveis da marca Shell.

A Shell Brasil trabalha para atender à crescente demanda por energia de forma econômica, ambiental e socialmente responsável, avaliando tendências e cenários para responder ao desafio do futuro da energia.



VALE

A Vale acredita que a cultura transforma vidas. Pelo quarto ano consecutivo é a maior apoiadora privada da Cultura no Brasil, patrocinando e fomentando projetos em parcerias que promovem conexões entre pessoas, iniciativas e territórios. Seu compromisso é contribuir com uma cultura cada vez mais acessível e plural, ao mesmo tempo em que atua para o fortalecimento da economia criativa.

Para fortalecer sua atuação na Cultura, em 2020 foi criado o Instituto Cultural Vale, que já esteve ao lado de mais de mil projetos em todo o país, com investimento de mais de R\$ 1 bilhão em recursos próprios da Vale e via Lei Federal de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet. Dentre eles, uma rede de espaços culturais próprios, com visitação gratuita, identidade e vocação únicas: Memorial Minas Gerais Vale (MG), Museu Vale (ES), Centro Cultural Vale Maranhão (MA) e Casa da Cultura de Canaã dos Carajás (PA). Conheça mais sobre a Vale em vale.com

Ministério da Cultura, Nubank,
Shell e Vale apresentam

2ª Bienal das Amazônias



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



TRANSPORTADORA
INTERNACIONAL OFICIAL

EMPRESA DE
TECNOLOGIA OFICIAL

APOIO INSTITUCIONAL



EVENTO ORGANIZADO NO ÂMBITO DA TEMPORADA FRANÇA-BRASIL 2025



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES
EXTERIORES



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Sobre Belém

Belém é a porta de entrada para a Amazônia brasileira e um dos principais centros culturais do Norte do Brasil. Conhecida por sua rica culinária, mercados históricos e conexão com o Rio Amazonas, a cidade é um ponto de convergência entre tradições amazônicas e influências urbanas contemporâneas.



Clima

Belém possui um clima equatorial, caracterizado por altas temperaturas e elevada umidade durante todo o ano. As temperaturas médias variam entre 24°C e 32°C. Recomenda-se que os visitantes usem roupas leves, como camisetas, shorts e calçados confortáveis. É aconselhável também portar capa de chuva ou guarda-chuva, pois chuvas são frequentes, especialmente à tarde.

Transporte na cidade

Além dos táxis convencionais e serviços de transporte por aplicativo como Uber, Belém conta com ônibus urbanos que cobrem diversas áreas da cidade. No entanto, para maior conforto e conveniência, especialmente para visitantes, os serviços por aplicativo são frequentemente preferidos.



COMO CHEGAR A BELÉM?

Belém é acessível por voos diretos de várias cidades, incluindo:

Internacional: Fort Lauderdale (EUA), Lisboa (Portugal)

Nacional: São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Recife e Manaus. A partir de São Paulo (GRU), o voo dura aproximadamente 3h30. De Recife, a duração é de 2h30.



HOSPEDAGEM EM BELÉM

Grand Mercure Belém

Hotel de luxo com vista para a Baía do Guajará

Radisson Hotel Maiorana

Hotel moderno no centro da cidade

Atrium Quinta de Pedras

Hotel boutique em um casarão histórico

Hotel Princesa Louçã

Opção clássica e icônica da cidade



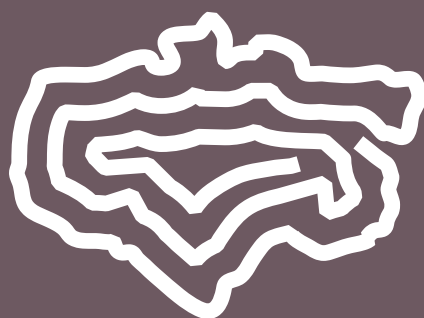
GASTRONOMIA: 4 RESTAURANTES IMPERDÍVEIS

PUBA – Chef Thiago Castanho, gastronomia paraense contemporânea.

Lá em Casa – Pratos típicos como maniçoba e tacacá.

Casa do Saulo – Ingredientes amazônicos em um ambiente sofisticado.

Point do Açaí – Melhor lugar para experimentar o autêntico açaí paraense.



 @bienalamazonias
@ccba.belem

 @bienalamazonias

 @bienalamazonias

 Bienal das Amazônias

Leia o QR
Code e acesse
nosso site

